

## JUSTIFICATIVA

O Projeto em tela tem como objetivo denominar “Rodovia José Ouriques de Freitas” a Rodovia RS 030, no trecho compreendido entre os Municípios de Gravataí e Santo Antônio da Patrulha.

José Ouriques de Freitas nasceu em 17 de março de 1942, no Município de Gravataí. Seus pais João José e Adelaide de Freitas, seu irmão e suas três irmãs, trabalhavam duro na pequena propriedade rural que a família possuía, em Morungava. Quando tinha 11 anos de idade, essa família de pequenos agricultores mudou-se para Porto Alegre, em busca de melhores condições de vida.

Em Porto Alegre, José Freitas – criado em um ambiente de rigoroso senso de moral e honestidade – começou a trabalhar como auxiliar de ourives, ao mesmo tempo que estudava para concluir o curso técnico de torneiro mecânico.

Em casa, sempre foi muito brincalhão. Era bondoso e pregava a união entre os membros da família. Ainda jovem, propôs que após o jantar cada um relatasse como havia sido o dia de trabalho, ao invés só ficarem ouvindo o rádio, como era o hábito da família. Assim, todos permaneceriam mais unidos e conheceriam melhor uns aos outros. Sempre fez questão de manter contato com os irmãos e os sobrinhos, mesmo os que moravam mais distante, e de saber como estavam conduzindo suas vidas.

Torcedor colorado e aficionado do futebol, José Freitas jogou em diversos clubes amadores da região, como o São Paulo, o Ideal e o Salvador Leão. Levava o futebol muito a sério e quando o seu time perdia, sentava na calçada e chorava.

Em seu primeiro emprego, onde o dono nunca desligava o rádio, desenvolveu o gosto pela música e pela literatura. Formou-se culturalmente nesse período, aprendendo a apreciar de todo tipo de música e de literatura.

Com apenas 15 anos, já acreditava que as pessoas precisavam ser informadas de seus valores e reivindicar os seus direitos. De uma família católica praticante, iniciou sua militância política e social na Juventude Operária Católica (JOC), onde conheceu o Padre Agostinho, Dom Hélder Câmara e Dom Paulo Evaristo Arns, entre outros. Consciente das desigualdades sociais, logo percebeu que só através da união, da organização e da luta seria possível transformar essa sociedade injusta.

Na JOC conheceu sua futura esposa, Eroni Julieta Santos de Freitas, que o acompanhou durante toda sua vida e com a qual teve um filho – Marcelo – que ainda jovem veio a falecer, vitimado pelo câncer, o que lhe abalou fortemente.

Na JOC, logo se destacou por sua liderança e capacidade e no início dos anos sessenta tornou-se o seu Presidente Nacional, indo morar no Rio de Janeiro. Pouco depois, integrou-se à “Ação Popular” (AP) – organização da juventude brasileira, criada em 1962, com forte influência cristã – que pregava uma “Revolução Socialista de Libertação Nacional”.

Quando retornou a Porto Alegre, tornou-se destacada liderança metalúrgica e passou a compor o núcleo de Direção Estadual da Ação Popular no Rio Grande do Sul, composta ainda por Hello Duclos, Hélio Corbelini, Gilberto Boslle e Raul Carrion. Estudioso, sempre tendo um livro na mão, aproximou-se do marxismo e contribuiu para que os seus companheiros na direção da Ação Popular também aderissem às teorias de Marx e Engels. Isso foi decisivo para que, no final dos anos 60, início dos anos 70, boa parte dos militantes da AP no Rio Grande do Sul, principalmente os que atuavam no movimento sindical, ingressassem no PCdoB. Ele mesmo filiou-se ao PCdoB em 1970.

Durante a ditadura militar – tanto na Ação Popular como, depois, no PCdoB – precisou utilizar diferentes “nomes de guerra” - *Taborda, Otávio, Maurício*, etc. – para proteger-se da repressão policial.

Em fins de 1976, quando ocorreu a “Chacina da Lapa” – ocasião em que diversos membros do Comitê Central foram assassinados ou presos – o PCdoB do Rio Grande do Sul perdeu todo contato com a direção nacional.

No início de 1978, quando me desloquei clandestinamente até Porto Alegre, com a tarefa de colocar novamente o Comitê Central em contato com o PCdoB do Rio Grande do Sul, procurei exatamente a José Freitas – pela confiança que nele depositava –, ficando por alguns em casa de seus familiares, para poder reunir-me com outros camaradas e fazer os acertos necessários.

Freitas sempre conseguiu conciliar a vida legal do trabalho na categoria metalúrgica com a vida clandestina de combatente contra a ditadura. Anos mais tarde, ficou sabendo que sempre havia sido monitorado de perto pela repressão. A polícia seguidamente visitava a empresa em que trabalhava para obter informações sobre a sua vida, se faltava, se viajava, etc. Apesar de sua intensa e destemida militância, nunca foi preso pelos órgãos de repressão da ditadura, conseguindo passar incólume pelos 21 anos do regime militar.

A única vez que temeu ser preso foi em 1981, quando integrava o grupo que recepcionaria João Amazonas no aeroporto Salgado Filho, com uma faixa de boas vindas. O líder comunista estava na capital para uma das palestras mais concorridas na Assembleia Legislativa do RS – quando mais de 1.000 pessoas lotaram as dependências dessa Casa.

Em 1979, José Freitas participou da reorganização do PCdoB no Rio Grande do Sul, ao lado de Deo Gomes e Agenor Castoldi, entre outros. A Anistia acabava de ser aprovada e vivíamos momentos de grande retomada das lutas sindicais em todo o país.

Em outubro de 1979, quando retornei a Porto Alegre, reencontrei Freitas que já era a principal liderança da “Oposição Sindical” no Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre e uma das principais lideranças operárias do Rio Grande do Sul.

Na Conferência de 1981 – junto com Edson Silva, Jussara Cony, Deo Gomes, José Loguércio, Pedro Pozzenato, David Fialkow, Raul Carrion e outros, Freitas foi eleito membro da nova Direção Estadual do PCdoB, vindo a fazer parte do seu Secretariado, do qual foi membro durante muitos anos.

Durante toda a década de 80, foi uma das principais lideranças operárias do Rio Grande do Sul, tendo concorrido em duas ocasiões (1982 e 1985) à Presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, então o maior sindicato operário do Estado. Era membro indiscutível em todas as Comissões de Negociação e Comitês de Greve da categoria e delegado a seus Congressos.

Quando o PCdoB conquistou a legalidade, foi candidato a deputado federal, Presidente do Diretório Municipal de Cachoeirinha (diversas vezes), Presidente Estadual (década de 1990) e membro titular do Comitê Central do PCdoB. Também, foi candidato a vereador pelo PCdoB de Cachoeirinha. Atuou fortemente em Porto Alegre, contribuindo muito com a cidade e ajudando na implementação do Orçamento Participativo. Colaborou em diversas gestões da Prefeitura de Cachoeirinha, inclusive junto ao Orçamento Participativo dessa cidade. Atualmente, era membro titular do Comitê Estadual do PCdoB e Presidente do Diretório Municipal de Cachoeirinha.

Admirado por todos no meio político, inclusive por militantes de partidos adversários, Freitas deixará uma grande lacuna no PCdoB, enquanto um dirigente comunista que lutou incansavelmente pelos direitos do povo e dos trabalhadores.

Freitas faleceu no dia 02 de março de 2013 aos 70 anos, de câncer.

Por todo o exposto, contamos com a sensibilidade das Senhoras e Senhores parlamentares para a aprovação deste Projeto de Lei, que tem por objetivo homenagear esse grande líder do nosso povo, que dedicou toda sua vida à luta por um Brasil mais livre, soberano e justo!

Sala das Sessões,

Deputado(a) Raul Carrion